

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RECORTE SOCIAL PARA ALÉM DOS MUROS DA FACULDADE.

João Carlos Caetano Monte¹

Ana Paula Marques²

¹Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, joaocarloscaetano56@gmail.com

²Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, anapaulamarques@ufc.br

Introdução

Este trabalho nasce de um conjunto de experiências vivenciadas por um discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), em meio à busca por estágios remunerados. Essa trajetória revelou uma problemática central: como o corpo masculino é percebido, interpretado e acolhido nos espaços de educação destinados às crianças de zero a cinco anos. Tal questão suscita reflexões acerca da possibilidade de inserção de corpos masculinos na Educação Infantil, sem que enfrentem barreiras institucionais, culturais e simbólicas historicamente construídas.

Ao longo do tempo, essa etapa da educação básica se caracterizou como uma "profissão tipicamente feminina", fundamentada no mito da "educadora nata" e na associação do cuidado ao instinto materno. Como aponta Sayão (2005), a proximidade de um homem com o corpo de meninos e meninas em idade de creche costuma provocar conflitos, preconceitos e uma vigilância constante sobre a masculinidade, muitas vezes vista como "anormal" nesse contexto. Somado a isso, o processo formativo docente enfrenta o desafio de superar visões meramente assistencialistas e pragmáticas. Segundo Nakata (2019), a formação de professores para a infância muitas vezes se encontra fragilizada e reduzida a uma "semiformação", que prioriza a adaptação e a técnica em detrimento de uma autorreflexão crítica sobre as especificidades do trabalho pedagógico.

Assim, a inserção do homem na Pedagogia tensiona os limites entre o cuidado e a docência, exigindo que se pense a formação para além dos modelos tradicionais de gênero, visto que muitas vezes o debate sobre homens na Educação Infantil se limita aos muros da universidade. Levando isso em consideração, o objetivo geral deste trabalho é discutir como a identidade docente masculina se constitui no Curso de Pedagogia, para além dos muros das escolas, analisando os desafios, as tensões e processos que atravessam essa construção identitária.

Metodologia

O estudo adota uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como um relato de experiência fundamentado em uma perspectiva socioantropológica. O percurso investigativo utilizou a observação participante das vivências de um discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) durante a busca por estágios na Educação Infantil, recorrendo à autorreflexão como ferramenta metodológica central.

Conforme propõe Sayão (2005), a autorreflexão permite ao pesquisador utilizar sua própria história para interpretar o objeto de estudo, desvelando como as relações de gênero e

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

poder moldam os espaços institucionais. Complementarmente, a análise ampara-se nos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade, utilizando os conceitos de Nakata (2019)

sobre semiformação e razão instrumental, para compreender como a formação docente pode ser reduzida a uma adaptação técnica que invisibiliza as singularidades do corpo masculino.

Como procedimentos de registro, utilizou-se o caderno de campo para a sistematização de impressões, situações observadas e diálogos estabelecidos no cotidiano pesquisado. Posteriormente, adotou-se a técnica de análise temática, a fim de identificar, organizar e interpretar as recorrências e sentidos emergentes das experiências vivenciadas. Os princípios éticos foram rigorosamente observados, assegurando-se o anonimato das instituições e dos sujeitos participantes, bem como a integridade e a fidedignidade dos relatos produzidos.

Resultados e discussão

"Gostamos do seu currículo, mas, infelizmente, seguiremos com outro candidato" (CADERNO DE CAMPO, 2025). Esta frase, recorrente nos processos de seleção vivenciados, materializa a barreira invisível imposta ao corpo masculino na Educação Infantil. Ao analisar essa negativa, percebe-se o que Sayão (2005) descreve como o estranhamento do que "está fora do lugar", onde a presença do homem em um espaço feminilizado gera desconfiança e incômodo. Essa narrativa emerge da constatação de que, mesmo apresentando um currículo consistente e alinhado às diretrizes institucionais, esses corpos são frequentemente desconsiderados por serem percebidos como deslocados do lugar socialmente esperado.

Para além dos muros da academia, o professor de Educação Infantil defronta-se com um complexo cenário de suspeição e estranhamento que se manifesta precocemente na busca por estágios remunerados. Essa construção social sobre qual corpo deve estar presente nas salas de atividades está profundamente enraizada na história da educação brasileira.

Nakata (2019) observa que a imagem da mulher na docência da infância é percebida como "natural", fruto de um processo histórico que associou o cuidado ao instinto materno e à função reprodutora:

A constituição histórica da imagem do profissional que atua na Educação Infantil está fortemente impregnada pelo mito da maternidade, ou seja, da mulher vista como educadora nata cujo papel educativo está associado ao ambiente doméstico. (NAKATA, 2019, P, 77)

Com base nas ideias do autor, conseguimos observar melhor como se constrói a ideia de gênero em sala de aula e como ela dura até os dias atuais. Em decorrência desse estigma, o corpo masculino é frequentemente lido como não pertencente ao ambiente de Educação Infantil, sendo por vezes tratado como uma "anomalia" (SAYÃO, 2005).

Esse estranhamento do homem no espaço escolar destinado à primeira infância resulta em barreiras práticas, materializadas em negativas de contratação sob a justificativa de que a presença masculina provocaria desconforto ou desconfiança nas famílias e na própria instituição. Essa suposta "anomalia" é socialmente construída a partir da ideia de que a presença de um homem em sala de aula representa uma ameaça potencial à segurança sexual das crianças, produzindo desconfiança e vigilância sobre sua atuação docente.

A inserção do homem na docência da infância é atravessada por uma crença socialmente disseminada de que o corpo masculino é essencialmente sexuado, ativo e potencialmente perverso, produzindo o imaginário de que deve ser mantido sob vigilância e

afastado do contato físico com as crianças. Tal representação não apenas reforça uma leitura biologizante e determinista do gênero, como também revela uma sociedade estruturada por bases misóginas e sexistas, que constrói papéis rígidos para homens e mulheres. Ao mesmo tempo em que desconfia do homem que ocupa um espaço historicamente feminizado, essa

lógica também sobrecarrega as mulheres com a suposta vocação “natural” para o cuidado, reafirmando desigualdades. Trata-se de um preconceito estrutural que tenta fixar a violência a um gênero específico, ignorando que o abuso não possui determinação biológica, racial ou identitária exclusiva, mas está relacionado a dinâmicas de poder e dominação socialmente produzidas.

Conforme argumenta Sayão (2005), é necessário superar esses binarismos e parar de rotular o corpo docente apenas por estigmas de gênero, focando na ética e na responsabilidade das relações educativas. Ao impor tais fatores ao corpo do professor, o preconceito se sobrepõe à competência profissional, reforçando barreiras que impedem a democratização dos espaços de cuidado.

Conclusões

Este estudo evidencia que a inserção de corpos masculinos na Educação Infantil enfrenta barreiras culturais e institucionais persistentes. Conclui-se que a trajetória do discente de Pedagogia é marcada por processos de seleção que privilegiam o estigma da "educadora nata" em detrimento da qualificação profissional. Os resultados revelam que o professor homem é lido socialmente como uma "anomalia", sendo submetido a provas simbólicas para validar sua presença no espaço escolar. Constata-se que a sexualização do corpo masculino limita o exercício pleno do cuidado e do ensino. O estudo demonstra que a formação docente assume traços de semiformação ao negligenciar debates críticos sobre gênero na infância. Por fim, afirma-se a necessidade de uma educação autorreflexiva que rompa com o binarismo e reconheça a diversidade das identidades docentes.

Palavras-Chave: Relações de Gênero; Identidade Docente; Docência masculina.

Referências Bibliográficas

NAKATA, Natasha Yukari Schiavinato. **O processo (semi) formativo docente na educação infantil: análise crítica das produções científicas do ENDIPE no período de 2014 a 2016.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche.** Florianópolis, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.